



IDENTIDADE CULTURAL: AS FACES DE UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Mariana Amorim de Arruda Silva¹
Wilza Alexandra de Carvalho Rodrigues Vitorino²

RESUMO

A história, por muitas vezes, é contada a partir de uma visão colonizadora, influenciando de forma negativa uma formação crítica, política e social. Assim, conhecendo os objetivos próprios do ensino fundamental – anos iniciais, este relato de experiência tem o intuito de contribuir para uma perspectiva progressista que efetivamente cumpra os objetivos dessa etapa do ensino. Desse modo, o presente trabalho é fruto de uma experiência desenvolvida em duas turmas do ensino fundamental em uma escola privada no município de Garanhuns. Trabalhamos a história do Brasil e dos povos originários, contudo, foi através da música que as crianças despertaram e introduziram conhecimentos que lhe ajudaram na construção de suas próprias identidades culturais.

Palavras-chave: Ensino Fundamental, Identidade Cultural, Prática Pedagógica, Educação Crítica.

INTRODUÇÃO

Dia a dia nega-se às crianças
o direito de ser crianças. Os fatos,
que zombam desse direito, ostentam
seus ensinamentos na vida cotidiana [...]

Muita magia e muita sorte têm as
crianças que conseguem ser crianças.

Eduardo Galeano

(A escola do mundo às avessas)

As crianças são sujeitos que movem e criam cultura, contudo, muitas vezes são silenciadas à medida que as concepções e percepções de infância vão se modificando na sociedade. Logo, o desenvolvimento da percepção ética, estética e política precisam ser estimulados, possibilitando, assim, alcançar as mais diversas temáticas extrapolando as

¹ Especialista em Educação Especial e Inclusiva (FESL), Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco (UPE) e Professora da Educação Básica. mariamorim56@gmail.com;

² Doutoranda em Educação (ACU), Mestra em Educação (Universidade Lusófona de Portugal), Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco (UPE), wilza_1@hotmail.com;



fronteiras da vida. Galeano, ao falar sobre as crianças, tem a sensibilidade e a criticidade de compreender que as esferas sociais influenciam diretamente na visão e construção da concepção de criança. Muitas vezes as linguagens e as experiências lhes são podadas com o desejo de uma sociedade que quer adultizar esses sujeitos.

O relato de experiência, aqui organizado, tem o objetivo de compartilhar uma prática pedagógica que valoriza a escuta da criança, as realidades sociais e os seus interesses. Através da música foi possível trabalhar uma temática relacionada à história do Brasil que muitas vezes é minimizada e naturalizada, falamos sobre a chegada dos portugueses, o processo de catequese e o extermínio dos povos indígenas, mas foi sobre os africanos que a curiosidade se mostrou latente. Pois as crianças, com toda sua sensibilidade, não compreendiam o motivo de pessoas (colonizadores) se sentirem melhores do que as outras (indígenas e africanos).

Foi através da música “tumbeiro” (Revoredo/Fernanda Limão³) que debatemos sobre a temática ligada a essa população tão importante na constituição do Brasil, transpondo as temáticas e vendo suas reais contribuições na sociedade. E refletimos: como essa população vive hoje? Será que o preconceito ainda existe? A partir dessas questões provocadoras as crianças, da classe média alta, puderam refletir sobre essas temáticas. Todas as reflexões culminaram numa roda de conversa bem especial com a cantora Gabi da Pele Preta⁴, onde com muita representatividade as crianças puderam compreender sobre a realidade dos negros no Brasil de hoje.

O trabalho está organizado com um referencial teórico que trabalhará: “a base legal e currículo para os anos iniciais do ensino fundamental: as possibilidades de um ensino crítico na construção da identidade cultural”. Em seguida explicitaremos a metodologia pautada na sequência didática realizada em sala, também faremos uma breve discussão refletindo sobre as práticas e por fim concluiremos, elucidando a importância da temática.

A BASE LEGAL E CURRÍCULO PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: AS POSSIBILIDADES DE UM ENSINO CRÍTICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Legalmente, o Ensino Fundamental, corresponde à segunda etapa da educação básica. E tem o objetivo de ofertar a criança o domínio da leitura, da escrita e do cálculo, além de

³ Fernanda Limão (poeta, professora, produtora cultural, natural de São Paulo, mas reside na cidade de Garanhuns) e Alexandre Revoredo (músico, educado, escritor, compositor, natural de Garanhuns).

⁴ Artista, cantora e educadora negra da cidade de Caruaru.



estimular a compreensão do ambiente social, político, das artes e dos valores básicos da sociedade. Neste sentido, trazemos o que preconiza a Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, em seu artigo 32, quando diz:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (CARNEIRO, 2015, p. 373)

O artigo destacado apresenta a importância do Ensino Fundamental para fortalecimento da formação comum para todos os sujeitos. A concepção de formação comum não é limitante, mas traz a perspectiva da garantia de direitos de todas as crianças e adolescentes a uma educação básica de igual oportunidade para todos. A Resolução CNE/CEB 7/2010 corrobora com essa ideia e fixa em seu artigo 5º que a educação tem um perfil sociopedagógico, sociopolítico e sociocultural.

Assim, os incisos do artigo 32 da LDB/96 apontam para dimensões fundamentais que contribuem para o cumprimento do objetivo apresentado, na própria lei, para o Ensino Fundamental. Destacamos o inciso II, pois compreendemos que o mesmo pressupõe aspectos que tratam da construção sócio-histórica e que as crianças são sujeitos da e na própria história. A função da escola está, então, na oferta de construções de conhecimentos críticos e que favoreçam a consolidação de habilidades voltadas para uma cidadania ativa, participativa e com lugar fala. Neste sentido, é importante uma vivência pedagógica nos âmbitos locais, regionais, nacionais e mundiais.

Outro documento que embasa e estrutura a educação nacional são os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), aqui apresentados:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra



qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;

- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

[...]

- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

(BRASIL, 1997, p.69)

Ao analisarmos os objetivos acima, percebemos que as propostas de ensino devem se situar nas questões sociais e nos contextos histórico que as envolvem. A escola, desse modo, precisa ser compreendida como espaço de formação de aprendizagens que favorecem a relação e conexão dos estudantes no dia-a-dia das questões sociais, muitas vezes emergentes de seu contexto, e em um universo cultural amplo.

É preciso destacar, também, que além da LDB (1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) em 2008 foi criada a lei 11.645 que garante obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Logo, compreendemos que mesmo com objetivos bem definidos, para essa etapa do ensino, e dos conteúdos a serem trabalhados uma parte importante da nossa história vem sendo negada, a ponto de ser criada uma lei para garantir que esses assuntos sejam vivenciados, debatidos e refletidos.

A escola é espaço destinado ao ensino sistemático, intencional e planejado, o que a distingue das demais práticas educativas do contexto familiar e social de cada criança. Neste sentido, é importante o vínculo da escola com as questões sociais do seu contexto e para além deles, bem como de seus desdobramentos políticos e sociais para real construção de valores democráticos e autônomos.

Assim, além dos objetivos que servem como norteadores que contribuem no fazer pedagógico é preciso ter em mente o que Freire (1996) elucida quanto à prática docente de que “o pensar certo sabe, por exemplo, que não é partir dele como um dado, que se conforma a prática docente crítica, mas também que sem ele não se funda aquela.” (p.22), desse modo, é fundamental que o professor e a escola estejam alinhados e comprometidos com esse ensino progressista e crítico.

Importante destacar que o ensino fundamental, em 2006, passou de oito para nove anos com o intuito de aumentar o tempo das crianças no espaço escolar. Tomando por base as



orientações para inclusão das crianças aos 6 anos de idade, documento da Secretaria da Educação Básica do Ministério da Educação de 2007, abordaremos quatro pilares importantes para o viés que estamos nos propondo neste trabalho e que o documento extraí da obra de Walter Benjamin. (BRASIL, 2007) (a) - A criança cria cultura, brinca e nisso reside sua singularidade; (b) - A criança é colecionadora, dá sentido ao mundo, produz história (c); A criança subverte a ordem e estabelece a relação crítica com tradição; e (d) A criança pertence a uma classe social.

A perspectiva de Benjamin nos elucidava questões importantes no que se refere ao olhar a criança, ou seja, é preciso compreender que criança em sua ação criativa e criadora é produtora de cultura modificando o contexto no qual está inserida. Além disso, o faz nesse processo dialético e dinâmico proveniente da sua curiosidade, permitindo-a explorar e significar o mundo. Logo, é importante compreender o meio em que a criança está inserida e considerar o seu potencial e os aspectos culturais, assim, valorizando a visão da criança. Pois, “as crianças não formam uma comunidade isolada; elas são parte de um grupo e suas brincadeiras expressam esse potencial” (Kramer, 2007, p. 17).

É necessário, então, que consigamos olhar a criança como sujeito crítico, pois para Kramer (2007, p. 16) “Olhar o mundo do ponto de vista da criança pode revelar contradições e uma outra maneira de ver a realidade”. Essa sensibilidade, em conhecer a infância e a criança, que trata a escritora, é essencial para que o adulto continue sendo sujeito crítico e sensível que pode perceber as situações, o mundo e seus contextos de diversas perspectivas.

Perceber a infância está para além de conhecer as fases de seu desenvolvimento. Conhecer a infância é se debruçar com disposição para perceber como elas, as crianças, pensam, investigam e criam suas teorias e hipóteses. A criança é um sujeito ativo que aprende e ensina ao mesmo tempo que constrói e é agente de seu próprio conhecimento.

METODOLOGIA

A presente sequência foi trabalhada com duas turmas de Ensino Fundamental, nas turmas de 2º e 3º ano, com crianças entre 6 e 9 anos. O campo de discussão era amplo sendo necessário elucidar um caminho mais direcionado, assim, a partir da abordagem Reggio Emilia⁵, na qual valoriza uma escuta atenta realizamos um recorte para estudo mais aprofundado. Então, demos ênfase no estudo da temática Africana, temática que mais despertou interesse nas crianças.

⁵ Abordagem pedagógica italiana que é estruturada e construída a partir os interesses da criança.



Assim, a principal estratégia utilizada para as reflexões sobre essa parte de nossa história foi a partir da música intitulada “Tumbeiro” composta por Fernanda Limão (poeta, professora, produtora cultural, natural de São Paulo, mas reside na cidade de Garanhuns), Alexandre Revoredo (músico, educado, escritor, compositor, natural de Garanhuns) e interpretada pela artista Gabi da Pele Preta (artista negra da cidade de Caruaru) onde as crianças produziram e conheceram a história do Brasil, em especial da população negra, com outro olhar.

Realizamos uma diagnose inicial com as crianças a respeito dos conhecimentos prévios sobre a História do Brasil, em seguida, foi trabalhado os povos originários a partir da estada no território brasileiro, logo utilizamos a seguinte ordem: Indígenas, Portugueses e por fim os Africanos. Além disso, foram organizadas e estruturadas ações de sensibilização de temáticas associada às disciplinas regulares (história e geografia).

Após esse momento as crianças demonstraram muito interesse em compreender mais sobre os Africanos no Brasil, logo, trabalhamos a música “tumbeiro” (Revoredo/Fernanda Limão) interpretado por Gabi da Pele Preta, onde foi possível refletir e contextualizar os fatos históricos a partir da sua letra. Após esse momento, foram organizadas perguntas para a intérprete da música pensando no negro na nossa sociedade atual. Por fim, foi realizada uma roda de conversa onde a cantora Gabi da Pele Preta respondeu pessoalmente as perguntas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Kramer (2000) faz reflexões, em seus estudos, acerca de uma educação crítica pautada em concepções que valorizam a infância. Assim, partimos dos seguintes questionamentos:

[...] Como pensar a formação neste final de século, numa direção que repense o passado e a cultura? Como defender uma formação cultural crítica, sem perder de vista que a cultura se construiu e fortaleceu como monumento de barbárie, como diria Benjamin (1987)? Como manter utopia e esperança de solidariedade, generosidade e justiça social, contra a discriminação, pelo reconhecimento das diferenças, na direção contrária à dominação, à cultura legitimada como correta? [...]
(p. 6/7)

Realizaremos a discussão fazendo um recorte maior na última etapa, ou seja, na parte da roda de conversa. Contudo citarei em linhas gerais quais as percepções e avanços das crianças nas outras etapas da sequência didática. Assim, no processo de diagnose dos conhecimentos das crianças a respeito da temática, foram percebidos os seguintes aspectos: (1) conhecimento estereotipado do índio, (2) visão da independência do Brasil como Dom Pedro sendo um herói e (3) não reconhecimento da herança cultural desses povos.



Em seguida, trabalhamos os povos do Brasil a partir da estada no território brasileiro, assim: Indígenas, Portugueses e por fim os Africanos⁶. Ao final, dessa etapa, novas produções foram solicitadas. Contudo, em cada momento realizávamos debates pensando num círculo de cultura, como pensou Freire, diante das provocações pertinentes de cada povo.

Ao final dessa primeira fase as crianças estavam com bastante criticidade mediante a temática e corrigiam uns aos outros quando as expressões estigmatizadoras eram utilizadas, como: “índio” e “escravo”. As próprias crianças começaram a ter uma visão mais geral e crítica diante do tema. E questionamentos como: “porque os portugueses fizeram isso com os negros?” (C02, 7 anos) ou colocações como “eles queriam nossa riqueza por isso escravizavam os indígenas e os negros” (C07, 7 anos).

As descobertas sobre os assuntos foram sendo construídas no decorrer das aulas até o momento do estudo da música “tumbeiro” (Revoredo/Fernanda Limão) interpretado por Gabi da Pele Preta, onde foi possível refletir e contextualizar os fatos históricos a partir da sua letra. A música foi pensada e trabalhada considerando os seguintes aspectos: sofrimento e não consentimento dos negros no processo de escravização, o transporte utilizado para trazer os negros da África, a escravização dos povos negros nos engenhos do açúcar e a religiosidade. Apresentaremos um trecho da letra da canção e as conexões realizadas pelas crianças.

TUMBEIRO
(Revoredo/Fernanda Limão)

Na tormenta do mar,
Do Atlântico mar,
Mais um rei vencido chega do lado de cá.
É o preto cabinda
Que vem pro tormento
Tumbeiro senzala
Chicote lamento

É mais um pai Joaquim
Que deixou sua realeza
Da costa da mina
Do engenho a pobreza
Trabalho forçado no cabo da enxada
Enxuga o suor
Meio dia no sol,
Trabalho forçado no cabo da enxada
Enxuga o suor
Meio dia no sol

Tumbeiro (4x)

⁶ Utilizamos vídeos do canal Enraizando com a série “Raízes do Brasil”.



As crianças assistiram ao vídeo disponível na plataforma digital, em seguida tiveram acesso a uma ficha com a letra escrita e puderam acompanhar a música lendo-a. Em seguida, em posse da letra e de todos os conhecimentos já adquiridos começamos a debater as partes da letra. As crianças conseguiram realizar algumas associações, como: C01 associou o termo “Atlântico” ao oceano, dizendo: “é o oceano que está entre Portugal e o Brasil”.

No trecho “tumbaio senzala” C05 logo disse: “o navio já era como a moradia dos escravos”, após esse debate observamos algumas imagens de navios negreiros para que as crianças compreendessem melhor essa situação. No trecho que falava “do engenho a pobreza” boa parte das crianças citaram que os portugueses escravizavam os africanos com o objetivo de enriquecer, enquanto os portugueses ficavam ricos os negros continuavam na miséria. Ao final de toda essa reflexão, as crianças construíram perguntas para a intérprete da música com o objetivo de compreender como é ser negra na sociedade atual.

Culminância com Roda de Conversa

Abaixo elucidaremos algumas das perguntas construídas pelas crianças para a intérprete da música. As crianças ficaram livres para construir suas perguntas sem interferência. Uma das perguntas que chamou atenção, inclusive das demais crianças, foi a Pergunta 01, que está abaixo:

PERGUNTA 01



(C01, 7 anos)

Ao ser indagado por C07 sobre sua pergunta, C01 ele explicou que conhecíamos a história, mas que queria saber mesmo se depois de vários anos ainda tinham pessoas que tinham preconceitos com os negros, como acontecia na época dos portugueses. Aqui é possível perceber e analisar a criticidade e percepção da criança sobre o cenário colonizado do nosso país.

Dentro dos campos de sensibilização e discussão duas crianças ficaram muito inquietas todas as vezes que discutíamos a respeito da população negra no Brasil. Sempre



demonstraram não compreender o motivo pelo qual os portugueses mantiveram o sistema de escravização. Em determinado ponto de discussão, no dia da organização das perguntas, C07 disse “Eu sou negra, é só olhar pra minha cor de pele, né? Não ia gostar se essas coisas acontecessem comigo”. Em uma ação de reflexão, reconhecimento e construção da sua própria identidade cultural, discutimos as relações de miscigenações presentes no nosso território.

A temática, a música e a presença da cantora (mulher, nordestina e preta) foram instrumentos de reflexão para as crianças da existência dos povos originários e de como se deu e, ainda hoje, ocorrem as construções culturais. Eles se perceberam nessa construção da cultura.

PERGUNTA 03



(C04, 8 anos)

Para FREIRE é:

na análise das relações entre educadora-. e educandos. Elas incluem a questão do ensino, da aprendizagem, do processo de conhecer-ensinaraprender, da, autoridade, da liberdade, da leitura, da escrita, das virtudes da educadora, da identidade cultural dos educandos e do respeito devido a ela. (FREIRE, 1997, p. 51).

Todo processo de ensino e aprendizagem se dá nestas relações entre educadores e educandos. Relações estas que são preconizadas pelo respeito, solidariedade e certeza de que o educando é sujeito da construção de sua própria história e de sua identidade cultural. “Fica clara a importância da identidade de cada um de nós como sujeito, educador ou educando, da prática educativa.” (FREIRE, 1997, p. 64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse relato de experiência foi possível compartilhar uma prática voltada numa pedagogia crítica que possibilitou despertar nas crianças questionamentos e reflexões



referentes à sua construção identitária. Uma educação pautada na construção da autonomia e que percebe a criança como sujeito construtor da sua identidade cultural, processo esse mediado pelas possibilidades de ensino e aprendizagem que nos desperta para um olhar sensível aos objetivos do Ensino Fundamental – Ano Iniciais como instrumento para promoção do acesso a arte, cultura e conhecimento neste processo identitário. Este relato de experiência abre caminhos para maiores percepções, estudos e proposições pra novas experiências.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasil. 2007.

_____. Ministério da Educação. **Resolução do Conselho Nacional de Educação.** 2010.
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. 2010.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** 1997.
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>.1997.

CARNEIRO, Moacir A. **LDB Fácil. Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo.** Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2015

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo, Olho d'água. 1997.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. **REVISTA TEIAS**, V.1, n°2, 2000.

_____. A infância e sua singularidade. **Orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**, 2007.